



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS CURITIBANOS
CENTRO DE CIÊNCIA RURAIS
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Ana Luiza Schweitzer Vieira

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO EM
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2022

Ana Luiza Schweitzer Vieira

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO EM
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Sandra Arenhart

Curitibanos

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

VIEIRA, Ana Luiza Schweitzer

Relatório de estágio curricular obrigatório em clínica
médica de pequenos animais / Ana Luiza Schweitzer VIEIRA ;
orientador, Sandra Arenhart, 2022.

43 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) =
Universidade Federal de Santa Catarina, Campus
Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária,
Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Medicina veterinária. 3.
Clínica Médica de Pequenos Animais. 4. Estágio Curricular
Obrigatório. I. Arenhart, Sandra. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III.
Título.

Ana Luiza Schweitzer Vieira

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO SUPERVISIONADO EM
CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este Relatório foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Medicina Veterinária.

Curitibanos, 19 de dezembro de 2022.

Prof. Dr. Malcon Andrei Martinez Pereira
Coordenador do curso

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Arenhart
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Adriano Tony Ramos
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Dr^ª Ana Lucia S. Ribeiro, M. V.
Avaliadora

Curitibanos, 2022

RESUMO

O estágio curricular obrigatório faz parte de uma etapa fundamental na formação acadêmica do médico veterinário, sendo possível o aprimoramento do conhecimento adquirido ao longo desse período de experiência, tanto na parte teórica, quanto na prática. O estágio foi realizado na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, na Diretoria de Bem-Estar Animal (DIBEA) localizada no município de Florianópolis, onde foi possível acompanhar a rotina clínica sob orientação da professora Doutora Sandra Arenhart e supervisão da Dr^a Renata Zeferino. O presente relatório tem como objetivo descrever o local de estágio, apresentando sua estrutura física, funcionamento, atividades desenvolvidas, e a casuística dos casos acompanhados na rotina de 480 horas no órgão público. De acordo com o estudo realizado, a espécie mais atendida foi a canina (60,3%) e 52,7% dos atendimentos foram de cães e gatos machos. A faixa etária mais atendida foi de 3 a 10 anos (44,5%). Os sistemas/afecções que mais apareceram casos foram o musculoesquelético (20,3%), tegumentar (12,9%) e urinário (12,7%), respectivamente. O sistema musculoesquelético sendo o mais atendido, nos indica a grande possibilidade de acidentes rodoviários. As afecções mais atendidas de cada sistema foram o mastocitoma (51,4%), dermatite a esclarecer (40,6%), fraturas (35,6%), doença do trato urinário inferior felino obstrutiva (52,4%), cardiopatia a esclarecer (70%), periodontite (46,9%), pneumonia (47,7%), piometra (87%), epilepsia a esclarecer (75%), perfuração de córnea (37,5%), diabetes (50%), infecção pelo vírus da leucemia viral felina (29,5%), intoxicação a esclarecer (46,2%) e os procedimentos mais acompanhados foram as consultas (59,4%) e aplicação de medicamentos nos pacientes (18,7%). A maioria dos atendimentos não possui diagnóstico conclusivo por se tratar de tutores de baixa renda e pelo fato da DIBEA não oferecer exames complementares de forma gratuita.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Atropelamentos; Abandono.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship is part of a fundamental step in the academic training of the veterinarian, making it possible to improve the knowledge acquired during this period of experience, both in theory and in practice. The internship was carried out in the Small Animal Medical Clinic area, at the Diretoria de Bem-Estar Animal (DIBEA) of Trindade in Florianópolis, where it was possible to follow the clinical routine under the guidance of Professor Sandra Arenhart and supervision of Dr^a Renata Zefferino. The purpose of this report is to describe the internship location, presenting its physical structure, functioning, activities carried out and the casuistry of cases monitored in the 480-hour routine at the public agency. According to the study carried out, the most attended species was the canine (60.3%) and 52.7% of the attendances were male dogs and cats. The most attended age group was 3 to 10 years old (44.5%). The systems/affections cases that appeared the most were musculoskeletal (20.3%), integumentary (12.9%) and urinary (12.7%), respectively. The musculoskeletal system being the most attended, indicates the great possibility of road accidents. The conditions most seen in each system were mast cell tumor (51.4%), dermatitis to be clarified (40.6%), fractures (35.6%), obstructive feline lower urinary tract disease (52.4%), heart disease to be clarified (70%), periodontitis (46.9%), pneumonia (47.7%), pyometra (87%), unexplained epilepsy (75%), corneal perforation (37.5%), diabetes (50%), feline viral leukemia virus infection (29.5%), intoxication to be clarified (46.2%) and the most followed procedures were consultations (59.4%) and application of medication to patients (18.7%). Most consultations do not have a conclusive diagnosis because they are low-income tutors and because DIBEA does not offer complementary exams free of charge.

Keywords: Animal Welfare; Run Over; Abandonment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista da fachada da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Sala de espera da Diretria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).....	14
Figura 2 – Consultório A para atendimentos da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Consultório B para atendimentosda Dretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).....	15
Figura 3 – Vista da entrada para o bloco cirúrgico da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.....	15
Figura 4 – Gatil interno da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.....	16
Figura 5 – Sala de cirurgias da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Sala de esterilização de materiais cirúrgicos da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).....	16
Figura 6 – Sala de tricotomia da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.....	17
Figura 7 – <i>Pet Place</i> da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.....	18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Casuística dos atendimentos separados por espécie e sexo acompanhados durante o período de estágio.....	20
Tabela 2 – Casuística dos pacientes caninos e felinos separados por faixa etária acompanhados durante o período de estágio.....	21
Tabela 3 – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhados durante o período de estágio.....	22
Tabela 4 – Atendimentos do sistema musculoesquelético acompanhados durante o período de estágio.....	22
Tabela 5 – Afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o período de estágio.....	24
Tabela 6 – Afecções do sistema urinário acompanhadas durante o período de estágio.....	25
Tabela 7 – Afecções causadas por doenças infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o período de estágio.....	26
Tabela 8 – Afecções do sistema digestório acompanhadas durante o período de estágio.....	28
Tabela 9 – Afecções do sistema respiratório acompanhadas durante o período de estágio.....	29
Tabela 10 – Afecções oncológicas acompanhadas durante o período de estágio.....	30
Tabela 11 – Afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o período de estágio.....	31
Tabela 12 – Afecções do sistema visual acompanhadas durante o período de estágio.....	32
Tabela 13 – Outras afecções acompanhadas durante o período de estágio.....	33
Tabela 14 – Afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o período de estágio.....	34
Tabela 15 – Afecções do sistema cardiovascular acompanhadas durante o período de estágio.....	35
Tabela 16 – Afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o período de estágio.....	35
Tabela 17 – Procedimentos ambulatoriais realizados durante o período de estágio.....	36

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

B.O.	Boletim de Ocorrência
CCZ	Centro de Controle de Zoonoses
CEGF	Complexo Estomatite Gengivite Felina
DIBEA	Diretoria de Bem-Estar Animal
DRC	Doença Renal Crônica
DTUIF	Doença do Trato Urinário Inferior Felino
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FCV	Calicivírus Felino
FeHV-1	Herpesvírus Felino Tipo 1
FeLV	<i>Feline Leukemia Virus</i>
FIV	<i>Feline Immunodeficienc Virus</i>
IM	Intramuscular
LVC	Leishmaniose Visceral Canina
OSH	Ovariosalpingohisterectomia
SC	Subcutâneo

LISTA DE SÍMBOLOS

%	Porcentagem
®	Marca Registrada

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DIRETORIA DE BEM-ESTAR ANIMAL – MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS.....	13
2.1	DESCRIÇÃO FÍSICA DO LOCAL E FUNCIONAMENTO.....	14
2.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	19
3	CASUÍSTICA E DISCUSSÃO.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório faz parte da grade curricular para formação do médico veterinário, sendo uma oportunidade excelente para o futuro profissional da área aprimorar seus conhecimentos, elevar suas experiências práticas, melhorar sua capacidade de trabalhar em equipe e também desenvolver habilidades ligadas a tomada de decisões e condutas a serem seguidas como profissional.

O local de estágio escolhido foi a Diretoria de Bem-Estar Animal (DIBEA), situada no município de Florianópolis, sendo supervisionado pela doutora Renata Zeferino Marques. O estágio iniciou-se no dia 22 de agosto de 2022 e seguiu até o dia 09 de dezembro de 2022, totalizando 480 horas.

A DIBEA é um órgão público da prefeitura municipal de Florianópolis que realiza serviços como adoção de animais no local e em eventos espalhados pela cidade, recolhimento de animais vítimas de maus-tratos, incluindo aqueles atropelados em via pública, recebimento e averiguação de denúncias sobre casos de maus-tratos, cirurgias de castração e microchipagem de cães e gatos, consulta de atendimento médico-veterinária mediante a comprovação de renda inferior a 3 salários mínimos e resgate de animais comunitários em situações graves. Todos os serviços disponibilizados pelo órgão são gratuitos.

O presente relatório busca descrever a experiência adquirida durante o período de estágio supervisionado na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, realizado em apenas uma concedente, a qual foi escolhida pelo seu incrível trabalho para com os animais comunitários e a população mais carente do município.

Nesses três meses foi possível realizar consultas veterinárias e cirurgias de orquiectomia em felinos do sexo masculino, sempre com supervisão da médica veterinária, além de auxiliar em procedimentos ambulatoriais, cirurgias e cuidado com os animais da DIBEA. Infelizmente não foi possível realizar o acompanhamento de atividades de investigação a campo. A DIBEA faz o rodízio de estagiários entre o consultório, canil e bloco cirúrgico, e apenas um dos estagiários é selecionado para fazer o acompanhamento dos casos de maus-tratos junto a equipe responsável, o mesmo vale para os resgates de animais comunitários e entregas de animais aos seus adotantes.

Este relatório também tem como objetivo analisar e discutir a casuística dos animais atendidos nos consultórios, correlacionando as afecções e procedimentos com as

espécies e sexo dos animais, fim de levantar dados para entender melhor quais animais e doenças são mais comuns na região de Florianópolis.

2 DIRETORIA DE BEM-ESTAR ANIMAL – MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

O local de estágio escolhido foi a Diretoria de Bem-Estar Animal, localizada na SC-401, número 114, bairro Itacorubi em Florianópolis no estado de Santa Catarina, ao lado do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) (Figura 1).

A DIBEA surgiu no ano de 2005, com o intuito de realizar o controle populacional dos animais através da castração, substituindo o antigo método utilizado, a famosa carrocinha de cães, onde os animais eram recolhidos pelo CCZ e, caso o tutor não fosse encontrado, sacrificados, por meio da eutanásia.

Felizmente o cenário mudou e hoje os animais que se encontram em situações de maus tratos ou atropelados em vias públicas, são recolhidos pelo órgão e passam pela avaliação de um médico veterinário, sendo tratados, vacinados, vermifugados, castrados, microchipados e posteriormente ficam disponíveis para adoção.

Atualmente a DIBEA possui, além do serviço gratuito de castração de animais, a consulta clínica com um médico veterinário para munícipes de baixa renda (até 3 salários mínimos), como mencionando anteriormente. O órgão também recebe denúncias de maus tratos com B.O., efetua o resgate de animais comunitários e realiza eventos de adoção na região de Florianópolis.

Os atendimentos e castrações iniciam das 08h até as 11h no período matutino, de segunda a sexta-feira, com exceção de feriados. O serviço é realizado por ordem de chegada e é limitado, sendo disponibilizadas um número limitado de fichas por manhã. No período entre as 11h e 17h, o atendimento é com horário marcado e a castração por ordem de chegada. As emergências são sempre prioridade e são definidas no momento da triagem. O horário de funcionamento para adoção de animais é das 09h até as 17h de segunda a sexta-feira e das 13:30 até as 17h aos sábados.

A equipe da DIBEA é formada por pessoas do setor administrativo, da limpeza, tratadores, médicos veterinários, estagiários, voluntários e outros funcionários contratados.

É importante salientar que prefeitura disponibiliza um valor à DIBEA para a parte de cuidados e tratamentos dos animais recolhidos e resgatados, exames e cirurgias são realizados pelo hospital veterinário parceiro da instituição, o processo burocrático ocorre por meio de licitação.

2.1 DESCRIÇÃO FÍSICA DO LOCAL E FUNCIONAMENTO

Ao passar pelo CCZ, é possível observar o portão que permite acesso a Diretoria de Bem-Estar Animal de Florianópolis (Figura 1 - A), posterior a esse acesso temos a sala de espera (Figura 1 - B) onde os munícipes aguardam serem chamados pelo pessoal da recepção para darem entrada na ficha de castração ou consulta clínica, após essa etapa eles devem aguardar os estagiários ou veterinárias chamarem seus nomes para atendimento clínico ou castração. Seguindo mais adiante encontra-se a sala de recepção, onde é dada entrada das fichas dos tutores para cadastramento de todos os dados no sistema. Nesse local também é realizada a ficha de adoção dos animais.

Figura 1 – Vista da fachada da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Sala de espera da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).



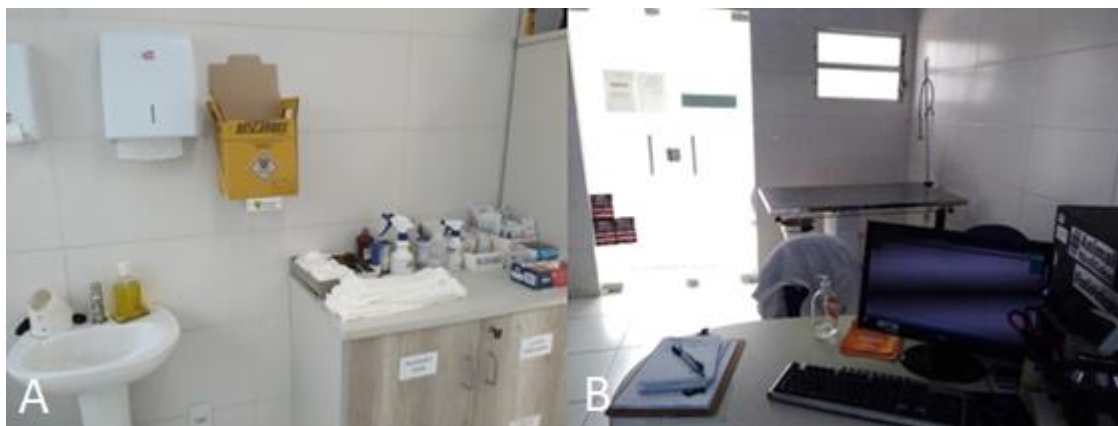
Fonte: Arquivo pessoal

Seguindo mais a frente pelo corredor é possível visualizar a sala de administração, local onde são tratados todos os assuntos relacionados a boletins de ocorrência, denúncias de maus-tratos, resgates e avaliação das fichas para adoção.

Na área onde fica a recepção, são localizados dois consultórios, o primeiro a direita é o consultório A (Figura 2 - A) e o segundo, também à direita, é o B (Figura 2 - B). Nesses locais são realizados os atendimentos aos animais que chegam para consulta, também são realizados alguns procedimentos ambulatoriais e aplicação de medicamentos,

ambos os consultórios contam com armários contendo medicamentos disponíveis para doação aos tutores dos animais que vem para atendimento e necessitam.

Figura 2 – Consultório A para atendimentos da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Consultório B para atendimentos da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).



Fonte: Arquivo pessoal

No lado oposto aos consultórios, encontra-se a entrada para o bloco cirúrgico (Figura 3), onde nos deparamos com o gatil interno à esquerda (Figura 4), onde ficam os gatos positivos para FIV e/ou FeLV.

Figura 3 – Vista da entrada para o bloco cirúrgico da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.



Fonte: Arquivo pessoal

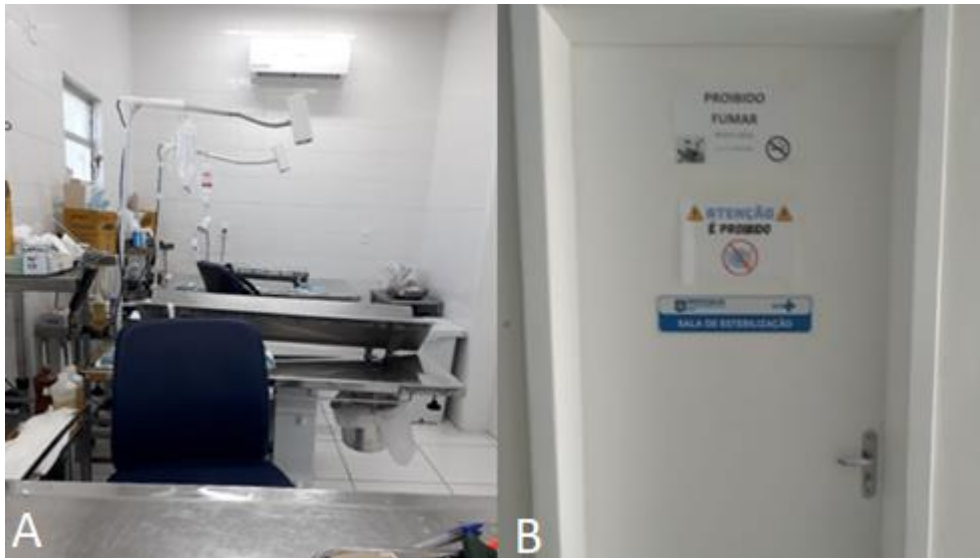
Figura 4 – Gatil interno da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.



Fonte: Arquivo pessoal

A sala de cirurgias fica à direita no corredor (Figura 5 - A), onde são realizadas as castrações e outras cirurgias autorizadas pela direção da DIBEA, um pouco mais a frente temos a sala de esterilização (Figura 5 - B), onde são armazenados os instrumentos e aventais cirúrgicos, além da autoclave para esterilização do material.

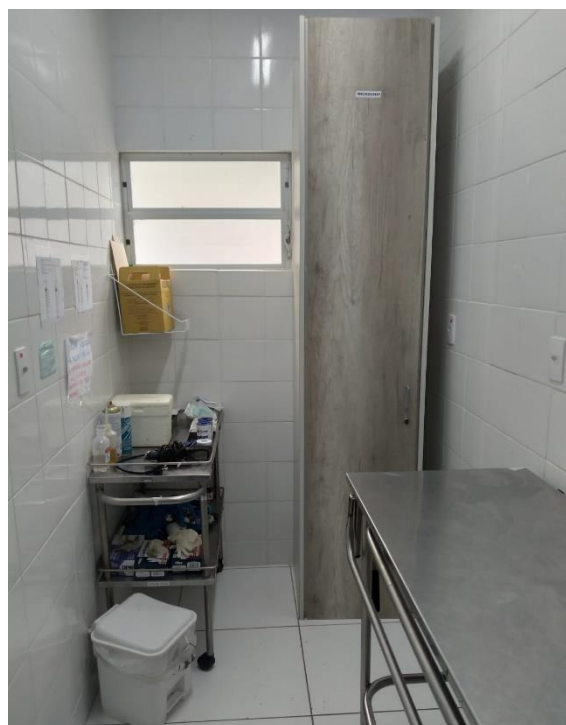
Figura 5 – Sala de cirurgias da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (A). Sala de esterilização de materiais cirúrgicos da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis (B).



Fonte: Arquivo pessoal

Ao lado da sala de esterilização temos a sala de tricotomia (Figura 6) e no fim do corredor, também à direita, tem a sala de necropsia, que conta com três congeladores, onde são armazenados os animais que vieram a óbito na DIBEA para posterior recolhimento dos corpos. Em casos esporádicos os estagiários de medicina veterinária possuíam permissão para realizar necropsias nos animais para fins de estudo.

Figura 6 – Sala de tricotomia da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.

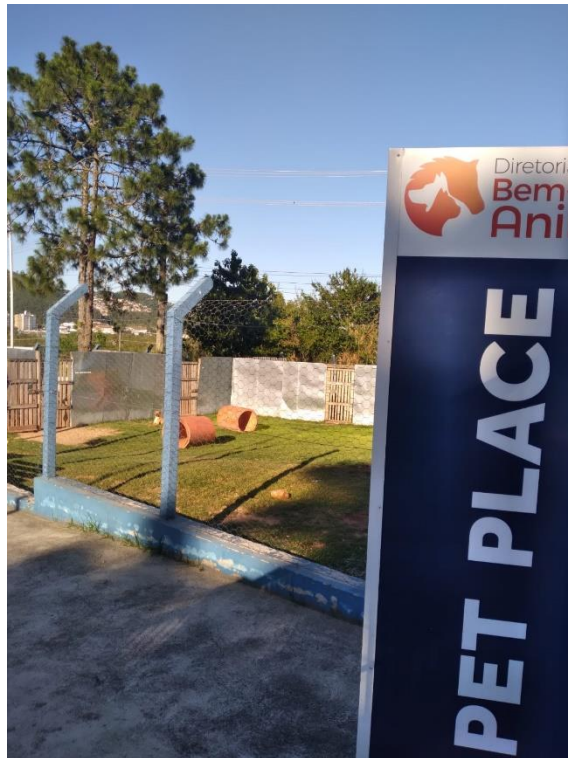


Fonte: Arquivo pessoal

Ainda no lado externo da Diretoria de Bem-Estar Animal, podemos encontrar uma porta onde ficam depositados os lixos hospitalares, com as lixeiras de descarte, recolhidas semanalmente, onde são descartados materiais contaminados e perfurocortantes. O depósito, onde são armazenados todos os materiais de limpeza e que conta com um tanque e duas máquinas de lavar roupas, para a limpeza das caminhas e cobertores dos animais do canil e gatil. A farmácia, onde ficam todos os medicamentos e materiais hospitalares de reposição para uso nos consultórios, canis e bloco cirúrgico.

Na DIBEA também encontramos o canil, contendo um total de 40 baias, individuais e coletivas, onde ficam os cachorros disponíveis para adoção, tendo também uma sala onde ficam alguns medicamentos usados diariamente, bem como os arquivos de todos os cães que residem no local e uma sala de depósito de rações onde ficam todos os pacotes de ração dos animais da Diretoria de Bem-Estar; dois *pet places* (Figura 7), contendo rampas, bancos, túneis, brinquedos e casinhas, onde o chão é composto por grama e o local bem amplo, para auxiliar no bem-estar dos animais, sendo feito o rodízio dos mesmos. O órgão público também conta com o gatil externo, todo telado, com arranhadores, caixas de areia, prateleiras, tocas, brinquedos e até mesmo uma árvore para os felinos.

Figura 7 – *Pet Place* da Diretoria de Bem-Estar Animal do município de Florianópolis.



Fonte: Arquivo pessoal

2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular obrigatório foi realizado em três setores distintos da DIBEA, o bloco cirúrgico, o canil e o consultório, sendo cumpridas 480 horas distribuídas em cada um desses setores, como estagiária foram cumpridas 30 horas semanais de segunda à sexta-feira, das 7 às 13 horas, fechando 6 horas diárias no período matutino de 22 de agosto de 2022 à 09 de dezembro de 2022.

A estagiária realizou atividades como auxílio no manejo dos animais, auxílio nas cirurgias de orquiectomia e ovariosalpingohisterectomia, auxílio no cuidado e bem-estar dos animais do canil e gatil e auxílio nas consultas. Também foram realizados procedimentos ambulatoriais como coleta de sangue, acesso venoso, confecção ou troca de curativos, aplicação de medicamentos, monitoramento de pacientes e cirurgia de orquiectomia em felinos.

Tanto no consultório, como na sala de cirurgia, a estagiária era responsável pela organização e limpeza das macas e instrumentos cirúrgicos utilizados, sempre utilizando os EPI de acordo com o procedimento realizado e o local de atuação. Também cabia à estagiária o recolhimento e/ou descarte adequado dos materiais utilizados, bem como descarte dos órgãos viscerais após a cirurgia de castração dos pacientes.

3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

A discussão sobre os casos atendidos na rotina clínica da DIBEA será realizada com base nos dados coletados, os quais foram tabelados e são equivalentes ao período de 3 meses de estágio. O órgão recebe muitos atendimentos por dia sendo 10 fichas disponibilizadas no período da manhã e 10 no período da tarde, no entanto, nem sempre são realizados os 20 atendimentos, pois depende da demanda e de cada caso, visto que, emergências também são atendidas.

A grande maioria dos casos atendidos na DIBEA não possui um diagnóstico conclusivo, pois a maior parte da população que recebe o atendimento não possui condições de realizar exames no animal, restando apenas a suspeita clínica da médica veterinária responsável pelos atendimentos, algumas afecções são confirmadas pelo exame físico e outras pelo resultado dos exames quando há retorno do tutor. As afecções que possuem a palavra “a esclarecer” se deram pela veterinária responsável possuir mais de um diagnóstico no momento, visto que o animal não possuía exames e precisava de tratamento.

Tabela 1 – Casuística dos atendimentos separados por espécie e sexo acompanhados durante o período de estágio

Espécie	Macho	Fêmea	Total	Porcentagem
Canino	153	172	325	60,3%
Felino	131	83	214	39,7%
Total	284	255	539	100%

Ao analisar a Tabela 1 observamos que a Diretoria de Bem-Estar Animal atendeu cerca de 539 animais no período de três meses no horário da manhã. A espécie mais atendida foram os caninos, porém, esse dado varia conforme cada mês, existindo datas em que o atendimento à felinos foi mais frequente. Podemos analisar também que no caso dos cães o atendimento de fêmeas é 5,8% maior do que de machos e já no caso dos felinos o atendimento à machos é mais elevado que de fêmeas, sendo 22,4% maior. Ao somar as espécies notamos que o atendimento de machos é maior que o de fêmeas, sendo o número total de machos equivalente a 52,7% e de fêmeas 47,3%. Também é possível observar que o número de atendimentos à cães é bem superior ao de felinos, sendo 60,3% e 39,7%, respectivamente.

As relações entre humanos e animais vem sendo muito estudadas e por conta disso podemos dizer que essa interação entre espécies tem uma influência positiva na saúde mental do ser humano (LIMA et al., 2017), fazendo com que a procura por atendimento para os *pets* seja cada vez maior.

A quantidade maior de atendimento de cães pode ser explicada pelo fato do maior índice de cães presentes nas famílias brasileiras, quando comparados aos gatos segundo dados do IBGE (FARIA, 2018).

Importante salientar que foi realizado apenas 1 atendimento em consultório referente a caso de maus-tratos, sendo feita a averiguação para comprovar ou não o crime. Foram 3 animais atendidos da espécie canina, sendo 2 machos e 1 fêmea, todos da raça Pitbull e pertencentes ao mesmo tutor. Os animais estavam com o escore de condição corporal baixo (2, na escala de 1 a 5), não eram castrados e um deles apresentava um pequeno corte na cauda. A queixa principal presente no B.O. era de que os animais viviam presos sem possibilidade de locomoção.

Após a avaliação dos cães, foi solicitado que o tutor deixasse os animais soltos no terreno, aumentasse a quantidade de alimento fornecido de uma para três vezes ao dia e os levasse no próximo mutirão de castrações para serem esterilizados. O munícipe seguiu todas as recomendações posteriormente.

Tabela 2 – Casuística dos pacientes caninos e felinos separados por faixa etária acompanhados durante o período de estágio

Faixa etária	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Filhote (até 6 meses)	24	21	45	8,3%
Jovem adulto (7 meses a 2 anos)	39	74	113	21%
Adulto (3 a 10 anos)	155	85	240	44,5%
Idoso (11 a 14 anos)	54	9	63	11,7%
Geriátrico (15 anos ou mais)	25	5	30	5,6%
Não informado	28	20	48	8,9%
Total	325	214	539	100%

Na análise da faixa etária dos animais atendidos, de acordo com a Tabela 2, podemos concluir que os animais adultos foram mais frequentes, totalizando 240 atendimentos (44,5%), em segundo lugar os jovens adultos com 113 atendimentos (21%) e em terceiro lugar os idosos fechando um total de 63 casos atendidos (11,7%). Observamos também que houveram 48 atendimentos (8,9%) em que o tutor não soube

informar a idade do paciente, na grande maioria isso ocorreu por se tratar de um animal retirado da rua (ZEFERINO, 2022). Os dados analisados indicam que em cães a faixa etária mais atendida foi de 3 a 10 anos, ou seja, adultos e para felinos foi de 7 meses a 2 anos, que seriam os jovens adultos, a mesma incidência foi encontrada no estudo realizado por CARVALHO (2007).

Na Tabela 3, temos a casuística dos sistemas ou especialidades acompanhados durante o estágio.

Tabela 3 – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhados durante o período de estágio

Sistema/Especialidade	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Musculoesquelético	70	31	101	20,3%
Tegumentar	42	22	64	12,9%
Urinário	15	48	63	12,7%
Infecciosas e parasitárias	38	23	61	12,3%
Digestório	29	20	49	9,9%
Respiratório	15	29	44	8,9%
Oncológico	32	5	37	7,4%
Reprodutor	17	6	23	4,6%
Visual	9	7	16	3,2%
Outras afecções	7	6	13	2,6%
Nervoso	9	3	12	2,4%
Cardiovascular	8	2	10	2%
Endócrino	3	1	4	0,8%
Total	294	203	497	100%

Destacam-se o sistema musculoesquelético com 20,3% de casos, seguido pelo sistema tegumentar com 12,9% e em terceiro lugar fica o sistema urinário com 12,7% de casos atendidos.

Na Tabela 4 estão os casos relacionados ao sistema musculoesquelético, onde as fraturas ocupam primeiro lugar de acordo com a casuística (35,6%), em segundo lugar observamos casos de trauma torácico e contusão (22,8%) e em seguida temos 16,8% dos casos referentes a luxação.

Tabela 4 – Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Fratura	22	14	36	35,6%
Trauma torácico e contusão	15	8	23	22,8%
Luxação	16	1	17	16,8%
Lesão por mordedura	5	8	13	12,9%
Hérnia de disco	5	0	5	5%
Displasia coxofemoral	3	0	3	3%
Discopatia	2	0	2	2%
Osteomielite	2	0	2	2%

Estudos realizados por Raouf et al (2019), corroboram com os dados da tabela acima, indicando que os casos que mais chegam para atendimento em clínicas e hospitais veterinários são referentes ao sistema musculoesquelético, o que é muito relacionado com os casos de atropelamentos principalmente.

Acidentes rodoviários são o maior motivo de atendimentos relacionados ao sistema musculoesquelético em clínicas e hospitais veterinários (HARASEN, 2003; BEALE 2004; Kumar et al. 2007; MCDONALD et al. 2017; HERNON et al. 2018; RAOUF et al. 2019). Se comparado a outros tipos de traumas, o atropelamento é o que possui maior chance de produzir múltiplas fraturas (HOULTON & DYCE, 1992). Outro fator que pode ser relacionado as afecções do sistema musculoesquelético são as brigas entre animais, gerando feridas, luxações e fraturas também (BEN et al., 2014).

A maioria dos casos de fratura e luxação foram decorrentes de atropelamentos, acometendo os membros torácicos e, mais frequentemente, os membros pélvicos (MELO, 2021). Como a DIBEA faz o recolhimento e tratamento de animais atropelados em via pública é natural que o número de atendimento desses casos seja maior que os demais, o mesmo vale para os atendimentos em que houve trauma torácico e contusão, sendo uma boa parte resultado de atropelamentos e outra parte de possíveis agressões de munícipes, o que se enquadra em maus-tratos e acaba sendo passível de denúncia.

Podemos notar ainda que, segundo a tabela, os cães são mais acometidos que os gatos na maioria das afecções do sistema musculoesquelético, o mesmo foi observado por Hall et al (2018) em seu estudo, isso ocorre possivelmente porque os cães são maioria nos centros urbanos, enquanto gatos vivem mais no interior, longe dos perigos da cidade.

Diversos estudos apontam que o trauma é a segunda maior causa de óbito entre cães (FLEMING et al., 2011), o mesmo vale para felinos quando consideramos os estudos de O'Neill et al (2014) no Reino Unido.

Um dado que chama atenção também é relacionado aos felinos, que seria a lesão por mordedura, sendo responsável por 61,5% dos casos nessa espécie, número consideravelmente maior que o de cães (38,5%). As lesões por mordedura podem ocorrer por brincadeiras mais agressivas ou brigas, gerando muitas vezes infecção bacteriana por conta da perfuração com os dentes (SHAMIR et al., 2002). O índice de óbitos por conta dessa afecção não é elevado, beirando 15% segundo ATECA et al (2014).

Analisando a Tabela 5, que refere ao sistema tegumentar, notamos que os casos atendidos mais frequentes foram os de dermatite a esclarecer (40,6%), o que não é novidade já que as dermatopatias representam a maior parte dos casos atendidos em clínicas (CHAVES, 2007).

Tabela 5 – Afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Dermatite	19	7	26	40,6%
Abscesso	7	7	14	21,9%
Otite externa	7	3	10	15,6%
Otohematoma	4	2	6	9,4%
Sarna demodécica	1	1	2	3,1%
Cisto sebáceo	2	0	2	3,1%
Alopecia por estresse	0	2	2	3,1%
Míiase	1	0	1	1,6%
Queimadura	1	0	1	1,6%

Analisando a Tabela 5, que refere ao sistema tegumentar, notamos que os casos atendidos mais frequentes foram os de dermatite a esclarecer (40,6%), o que não é novidade já que as dermatopatias representam a maior parte dos casos atendidos em clínicas (CHAVES, 2007). Em seguida temos os casos de abscesso (21,9%) e em terceiro temos a otite externa (15,6%). Os casos de dermatite estavam associados, em sua maioria, a banhos com produtos não neutros e limpeza da casa com produtos como água sanitária. O único caso de queimadura ocorreu devido a um descuido da tutora, que derrubou, sem intenção, uma frigideira com óleo quente em cima do cão.

O sistema tegumentar ocupando o segundo lugar em relação ao número de animais atendidos, incluindo afecções como dermatites, otites e sarna, coincide com os estudos realizados por Xavier (2012).

As afecções dermatológicas são frequentes na rotina clínica veterinária e por conta disso vem sendo cada vez mais estudadas, não só pela sua incidência, mas também pela relação humano-animal, pensando em dermatites fúngicas por exemplo (MACHICOTE & YOTTI, 2005).

Os abscessos também têm certo destaque na rotina clínica, sendo uma afecção comum em cães e gatos. São processos supurativos, que podem acometer qualquer região do corpo, causando incômodo aos animais (SILVA, et al., 2010).

Por fim, a otite externa é outra afecção muito comum nos animais domésticos, se tratando de uma inflamação no conduto auditivo externo (SCOTT; MILLER; GRIFFIN, 1996). Balançar a cabeça de um lado para o outro, prurido, lesões na orelha decorrentes das unhas quando o animal coça o local e, algumas vezes, odor fétido são alguns dos sinais clínicos relacionados a otite (GIORGI; DEMARTIN; SCHMIDT, 1996) e os mesmos corroboram com os casos atendidos pela estagiária durante as consultas clínicas, principalmente o prurido, que estava presente em todos os casos. As lesões nas orelhas e odor fétido estavam relacionadas à casos mais graves, onde já havia infecção.

Para o tratamento dos casos de otite externa, faz-se a limpeza do conduto auditivo com solução salina morna ou ceruminolíticos, além da utilização de antibacterianos, antifúngicos e corticosteróides, em casos onde o quadro não apresente melhora a cirurgia pode ser indicada (GOTTHELF, 2007; LEITE, 2008).

Tabela 6 – Afecções do sistema urinário acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Doença do Trato Urinário Inferior Felino (obstrutiva)	0	33	33	52,4%
Doença Renal Crônica	5	10	15	23,8%
Cistite	7	5	12	19%
Urolitíase	3	0	3	4,8%

As afecções do sistema urinário estão representadas na Tabela 6, sendo os casos de doença do trato urinário inferior felino (DTUIF) obstrutiva (52,4%), doença renal crônica (23,8%) e cistite (19%) os problemas urinários mais recorrentes.

Os quadros urinários mais atendidos são, em sua maioria, referentes a felinos, sendo 76,2% dos casos atendidos (48/63). Isso ocorre devido à natureza da espécie, já que felinos bebem muito menos água que caninos, além do fator estresse e atividade física diminuída (DEFAUW *et al.*, 2011).

As cistites são decorrentes de uma infecção bacteriana na vesícula urinária, e possuem causas variadas, como urólitos, eliminação incompleta ou retenção da urina e até mesmo traumas (NEWMAN *et al.*, 2013).

A DTUIF engloba felinos domésticos com vesicopatias e uretropatia, caracterizadas por hematúria, disúria, polaciúria e obstrução completa ou parcial (TILLEY; SMITH, 2003). Tal afecção é fácil de ser atendida na rotina clínica, pois é comum entre os gatos, especialmente os machos, castrados, obesos e/ou sedentários, domiciliados e que comem uma ração seca e ingerem pouca quantidade de água por dia (AMORIM, 2009).

A maior parte dos casos de Doença do Trato Urinário Inferior Felino foram resolvidos durante o atendimento clínico, sendo realizada a desobstrução bem sucedida em 96% deles, o restante foi encaminhado para internação em hospital veterinário. Todos os 33 casos de DTUIF ocorreram em machos e foram relatados sinais clínicos como hematúria, disúria, vocalização ao tentar urinar e vários minutos na posição de urinar sem urina presente ao final do processo (comunicação pessoal – ZEFERINO, 2022).

Sobre as afecções causadas por doenças infecciosas e parasitárias (Tabela 7), temos em primeiro lugar o Vírus da Leucemia Felina (FeLV) (29,5%), em segundo a cinomose (26,2%) e em terceiro a leishmaniose (14,8%).

Tabela 7 – Afecções causadas por doenças infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Leucemia Viral Felina	0	18	18	29,5%
Cinomose	16	0	16	26,2%
Leishmaniose	9	0	9	14,8%
Parvovirose	4	0	4	6,6%
Hemoparasitose a esclarecer	3	0	3	4,9%
Erliquiose	3	0	3	4,9%
Esporotricose	0	3	3	4,9%
Imunodeficiência Viral Felina	0	1	1	1,6%
Verminose	0	1	1	1,6%
Dermatofitose	1	0	1	1,6%
Tétano a confirmar	1	0	1	1,6%
Leptospirose	1	0	1	1,6%

A leucemia felina, bem como a cinomose possuem um número elevado de casos, considerando que ambas acometem apenas uma espécie, felinos no caso da leucemia e caninos no caso da cinomose e também deixam o animal extremamente debilitado na maioria dos casos, não possuindo cura, apenas tratamento dos sinais clínicos prezando pelo bem-estar do animal (FERREIRA, 2013; ALMEIDA et al., 2016)

Os casos de cinomose crescem cada vez mais no município de Florianópolis e, em muitos deles, o animal possui a vacina nacional, aplicada na agropecuária por um cidadão que não é médico veterinário, fazendo com que a eficácia da vacina seja possivelmente reduzida por conta da aplicação e armazenamento incorretos, além de outros fatores. Na DIBEA os tutores são sempre alertados e instruídos a realizar a vacinação com um médico veterinário e com a vacina importada, evitando que os animais sejam infectados com as doenças das quais a vacina protege. Muitos não realizam a vacinação anual também, alguns por condições financeiras e outros por falta de informação, acreditando que a vacina é dose única, inclusive a antirrábica (comunicação pessoal – ZEFERINO, 2022).

Vale ressaltar que órgão público não vacina animais de tutores, apenas os resgatados e recolhidos que residem na DIBEA. As vacinas aplicadas são a V10 e a antirrábica. Caso o animal seja adotado na Diretoria ainda filhote, o órgão disponibiliza as primeiras doses das vacinas, basta o tutor levar o animal até o local para aplicação.

A leishmaniose visceral canina (LVC) também possui alta incidência no município de Florianópolis segundo dados disponibilizados pela DIBEA. Muitos dos animais que apresentam sinais clínicos característicos dessa afecção tem seu sangue coletado para realização do teste afim de confirmar o diagnóstico. O teste e o resultado são responsabilidade do Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) da região. A DIBEA não é responsável pelo tratamento do animal positivo para LVC caso o mesmo possua tutor, já aqueles recolhidos e resgatados são tratados por 28 dias e ao fim do tratamento utilizam a coleira antiparasitas *Scalibor*®. Animais infectados podem não apresentar sinais clínicos por um longo período de tempo, mas não deixam de ser reservatório da doença, podendo ainda a transmitir para outros cães (GONTIJO & MELO, 2004; MANCIANTI et al., 1988). Os sinais clínicos incluem alopecia, descamação, hiperqueratose, úlceras, hiperpigmentação, anorexia e alterações oftálmicas (KOUTINAS & KOUTINAS, 2014).

Na Tabela 8 visualizamos as afecções do sistema digestório. Os casos mais frequentes dessa categoria são a periodontite (46,9%), a gastroenterite (22,4%) e presença de corpo estranho no trato gastrointestinal (12,2%).

Tabela 8 – Afecções do sistema digestório acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Periodontite	19	4	23	46,9%
Gastroenterite	4	7	11	22,4%
Corpo estranho	6	0	6	12,2%
Complexo Gengivite				
Estomatite Felino a esclarecer	0	4	4	8,2%
Lipidose hepática	0	3	3	6,1%
Fecalólito	0	2	2	4,1%

Todas as periodontites presentes na tabela acima foram confirmadas através do exame físico dos animais. Grande parte deles apresentava sinais como halitose e gengivite. Nos casos atendidos as periodontites foram apenas achados, não se tratando da queixa principal do tutor. Na maior parte dos casos foi recomendada a profilaxia dentária e/ou tartarectomia.

A periodontite afeta toda a parte da cavidade oral relacionada aos dentes como a gengiva e o ligamento periodontal. Raças, idade, dieta, mastigação e saúde do animal são fatores predisponentes, mas a afecção normalmente gira em torno do acúmulo de placas bacterianas (SANTOS, 2012).

Durante as consultas na clínica foi possível notar que a maioria dos animais que possuíam periodontites eram os idosos e a raça não era um fator predisponente, estando mais ligada a afecções de pele do que a problemas em cavidade oral. A alimentação dos pacientes atendidos com periodontite estava quase sempre relacionada ao fornecimento de comida caseira e sobras da refeição do tutor, as vezes associadas a ração, sendo fator predisponente às doenças periodontais, por conta da sua textura e tamanho das partículas dos alimentos, além da falta de escovação dos dentes (MACENA, 2022).

Dois cães apresentaram fístula dentária infraorbitária, nesses casos foi recomendada a extração dos dentes afetados para solução do problema. A fístula se trata de uma lesão osteolítica entre o ápice do alvéolo e a cavidade nasal (DIAS, 2013; BONI, *et al.*, 2016), normalmente acomete o quarto pré-molar superior e é muito comum em cães que não realizam a profilaxia dos dentes (PERIN, *et al.*, 2020).

Nos casos de gastroenterite foram relatados vômitos e diarreias sanguinolentas. E nos atendimentos onde a suspeita clínica era de corpo estranho, os sinais eram apatia, hiporexia ou anorexia e vômito em alguns casos (BRAGA, 2014), além da palpação abdominal com presença de algo suspeito no trato gastrointestinal. Todos receberam

encaminhamento para realização de exame de ultrassom para confirmar a suspeita e caso houvesse confirmação, foi indicada a cirurgia para remoção do objeto em clínica particular.

A Tabela 9 traz dados sobre os casos atendidos relacionados ao sistema respiratório, onde podemos observar que os casos mais frequentes, tanto em felinos como em caninos, são de pneumonia, totalizando 47,7% dos casos, seguidos pelo complexo respiratório felino com 38,6% e asma felina com 9,1%.

Tabela 9 – Afecções do sistema respiratório acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Pneumonia	14	7	21	47,7%
Complexo respiratório felino	0	17	17	38,6%
Asma	0	4	4	9,1%
Hérnia Diafragmática	1	1	2	4,5%

A pneumonia pode ser descrita como condição inflamatória dos pulmões, que ocorre quando os alvéolos pulmonares são preenchidos por líquido e células sanguíneas (MURAKAMI, et al., 2011). Os casos dessa afecção não foram diagnosticados, sendo apenas suspeita a esclarecer baseadas nos sinais clínicos dos pacientes, tais como tosse úmida, taquipneia, secreção nasal e/ou ocular, respiração ofegante, apatia, hiporexia e febre em alguns casos.

O complexo respiratório felino engloba o calicivírus felino (FCV) e o herpesvírus tipo 1 (FeHV-1) (GASKELL; BENNET, 2001), sendo uma afecção que atinge muito animais jovens pela sua baixa imunidade, podendo ocasionar sérios problemas a saúde deles e em casos mais graves pode até ocorrer a perda da visão caso não seja tratada. Foi realizado o atendimento de uma ninhada com rinotraqueíte, a qual foi tratada com colírio contendo tobramicina, pois os animais apresentavam muita secreção ocular e dois deles estavam com os olhos extremamente edemaciados.

A asma por sua vez é uma doença inflamatória que obstrui com brônquios dos gatos, muito semelhante a asma humana (MOSES & SPAULDING, 1985; BORDINI & ZANUTTO, 2018). Essa afecção pode ser diagnosticada comumente através do histórico do animal, sinais clínicos e radiografia torácica (REINERO et al, 2009) e o seu tratamento

é através do uso de glicocorticoides e broncodilatadores (TEIXEIRA, 2016; WEXLER-MITCHELL, 2018).

Em alguns atendimentos oncológicos (Tabela 10) as afecções não puderam ser esclarecidas, como foi o caso das neoplasias em tórax e tumores ulcerados. No entanto podemos classificar a ordem dos casos mais atendidos, sendo o mastocitoma em primeiro lugar disparado (51,4%), caminhando na mesma direção dos estudos realizados por Souza et al (2006) e Lima et al. (2018) que encontraram os mastocitoma também como afecção mais frequente. As neoplasias em tórax juntamente com os tumores ulcerados ocupam o segundo lugar (16,2% cada) e, em terceiro, temos o hemangiossarcoma (13,5%). Apenas 1 caso de carcinoma foi atendido no período de estágio (2,7%).

Tabela 10 – Atendimentos oncológicos acompanhados durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Mastocitoma	18	1	19	51,4%
Neoplasia em tórax a esclarecer	3	3	6	16,2%
Tumores ulcerados a esclarecer	5	1	6	16,2%
Hemangiossarcoma	5	0	5	13,5%
Carcinoma	1	0	1	2,7%

Segundo Pereira (2018) os mastocitoma são tidos como um dos tumores malignos mais frequentes em cães, fechando com os números de atendimento na DIBEA, sendo 18 cães e apenas 1 gato. A maioria dos tutores não retornou com os exames e em alguns casos foi indicada a cirurgia para remoção do tumor, no entanto não sabemos se foi realizada. É possível que as remoções de tumores mamários tenham sido as que mais ocorreram, pela disponibilidade de castrações gratuitas nos mutirões de castração realizados pela prefeitura de Florianópolis, possibilitando essa remoção junto à cirurgia de ovariosalpingohisterectomia. Segundo DALECK et al (2016), a prevenção do surgimento de neoplasias mamárias está interligada a castração do animal ainda novo, perto dos 6 meses de idade.

Os casos de carcinoma que mais ocorreram foram de mama, sendo os tipos mais comuns o carcinoma complexo e o carcinoma em tumor misto (MENEZES, 2015).

O sistema reprodutor foi dividido em 4 afecções atendidas no estágio (Tabela 11). Piometra é a mais relevante abrangendo 87% dos casos, seguida por mastite, hemometra e prolapso vulvar, todas com apenas 1 caso atendido (4,3% cada).

Tabela 11 – Afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Piometra	15	5	20	87%
Mastite	1	0	1	4,3%
Hemometra	0	1	1	4,3%
Prolapso vulvar	1	0	1	4,3%

A piometra refere a uma infecção no útero com acúmulo de exsudato inflamatório no lúmen, sendo classificada como grave, necessitando de intervenção cirúrgica o quanto antes (ABRÃO, 2019). Uma das cadelas atendidas chegou como emergência e estava com quadro de sepse por conta da piometra. A paciente recebeu os primeiros atendimentos afim de tentar evitar o óbito, foi feito o acesso venoso e o animal foi medicado, em seguida foi pedido ao tutor que a levasse imediatamente a um hospital veterinário para que a mesma tivesse uma chance de vida já que seu quadro clínico era extremamente grave.

A mastite é uma doença inflamatória das glândulas mamárias (CRIVELLENTI, BORIN-CRIVELLENTI, 2015), pode surgir por traumas, alergias, infecções, contato com agentes tóxicos ou alterações metabólicas (ALVARENGA e PRESTES, 2006). Essa afecção pode causar danos graves aos filhotes e a progenitora, por isso o ideal é separá-los e tratar a mãe isoladamente, evitando deficiências nutricionais e infecções intramamárias, lembrando que possui um risco grande caso não seja tratada, podendo levar o animal a óbito (COSTA, GUIMARÃES, 2014).

A mastite foi diagnosticada em uma cadela de rua resgatada que foi trazida para consulta clínica na DIBEA, a recomendação foi deixá-la longe dos filhotes, realizar todos os exames e o tratamento inicial para dor, já que a mesma foi trazida com queixa principal de atropelamento, sendo a mastite apenas um achado clínico. No caso de hemometra a cadela possuía sinais clínicos de depressão, polidipsia, letargia, aumento na região abdominal, mucosas pálidas, secreção vulvar e metrorragia; a afecção foi confirmada através do exame de ultrassom realizado pela tutora e trazido na consulta de retorno, o animal foi encaminhando para cirurgia de OSH. O prolapso vulvar foi diagnosticado através do exame físico e o tutor foi orientado a levar o animal em uma clínica veterinária para realizar a castração e sutura vulvar.

Vale ressaltar que as doenças uterinas atingem em sua maioria fêmeas não castradas (ABRÃO, 2019), por isso é sempre importante alertar o tutor sobre a importância da castração do animal, fim de evitar problemas comportamentais e reprodutivos, doenças que acometem o sistema reprodutor e abandono de animais por conta das ninhadas de filhotes.

Na Tabela 12 observamos as afecções do sistema visual, tendo como mais frequente a perfuração de córnea (37,5%) e a ceratite ulcerativa (18,8%).

Tabela 12 – Afecções do sistema visual acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Perfuração de córnea	4	2	6	37,5%
Ceratite ulcerativa	2	1	3	18,8%
Blefarite	2	0	2	12,5%
Ectrópio	0	2	2	12,5%
Entrópio	0	2	2	12,5%
Hifema a esclarecer	1	0	1	6,3%

Os casos de perfuração de córnea ocorreram por conta de brincadeiras com outros animais e batidas em objetos perfurocortantes. Em dois casos os animais foram encaminhados para cirurgia, nos demais foi realizado tratamento com colírio e medicamentos para dor, além da aplicação de antibiótico (via IM) em casos onde havia infecção. A perfuração pode levar a perda do olho afetado (LAUS, 1999).

A ceratite ulcerativa é considerada uma urgência oftalmológica, pelo risco de cegueira devido a uma possível perfuração da córnea (SLATTER, 2005), a mesma pode ser tratada, no entanto o diagnóstico precisa ser precoce para aumentar as chances de sucesso. Os sinais clínicos incluem lacrimejamento, blefaroespasmo, fotofobia, hiperemia da conjuntiva, edema de córnea e miose (MAGGS, et al., 2017). O diagnóstico pode ser realizado por meio dos sinais clínicos e do colírio de fluoresceína (FEATHERSTONE; HEINRICH, 2021). Nesses casos de ceratite ulcerativa ela não era a queixa principal do tutor, por isso não foram indicados e nem realizados tratamentos para esta afecção.

Na Tabela 13 estão listadas as afecções diversas atendidas no período de estágio, dentre elas intoxicação a esclarecer é a mais recorrente (46,2%), seguida por intoxicação por planta tóxica (23,1%) e acidente peçonhento (15,4%).

Tabela 13 – Outras afecções acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Intoxicação a esclarecer	4	2	6	46,2%
Intoxicação por planta tóxica	1	2	3	23,1%
Acidente peçonhento	1	1	2	15,4%
Intoxicação por ibuprofeno	0	1	1	7,7%
Acidente com capivara	1	0	1	7,7%

Os casos de intoxicação a esclarecer foram tidos como suspeita baseando-se nos sinais clínicos e principalmente na anamnese com o tutor. Casos mais simples foram tratados com fluidoterapia (via SC) e aplicação de antitóxico, já os casos mais graves foram encaminhados para internação em hospital veterinário.

A principal causa de intoxicação de cães e gatos é a desinformação do tutor referente a medicamentos, plantas, alimentos, entre outros (SILVA, 2022). Alimentos tóxicos como chocolate, uva, cebola e alho são comumente ofertadas aos animais (MEDEIROS et al., 2009). Essas intoxicações também podem ocorrer pelo uso de domissanitários para limpeza ou desinfecção do local onde o animal vive e esses produtos podem conter em sua composição substâncias cáusticas como cloreto de benzalcônio, fenol, ácido oxálico, ácido fórmico e hipoclorito de sódio, além desses produtos de limpeza podemos citar também os produtos utilizados em jardinagem como agrotóxicos e repelentes (FOOK et al, 2013).

A intoxicação por plantas tóxicas no caso dos dois felinos atendidos foi grave, um deles ingeriu lírio, chegou apático, com retenção de hematúria, mucosas extremamente pálidas e dispneia, assim que a vesícula urinária foi desobstruída o animal parou de respirar e então foi realizada massagem cardiorrespiratória e aplicação de atropina, a massagem seguiu por cerca de 10 minutos sem sucesso, o animal veio a óbito. Intoxicações por plantas tóxicas são graves, pois elas possuem o cristal de oxalato de cálcio em sua composição, extremamente tóxico (SILVA, 2022). Os sinais clínicos mais comuns são enjoos, vômitos, gastroenterites, diarreia, salivação, dor e irritação na mucosa oral, no caso do lírio da paz o animal pode ter um quadro de anorexia após 12h da ingestão da planta (BULCÃO et al., 2010).

No outro caso o animal estava com o mesmo quadro e foi encaminhado com urgência para internação em clínica particular. O caso de intoxicação por ibuprofeno foi igual ao de intoxicação por lírio, o animal estava em estado grave, pois a tutora o fez

ingerir uma enorme quantidade do medicamento, o animal também foi encaminhado para internação. Segundo um estudo realizado nos Estados Unidos por Medeiros et al (2009), as intoxicações por medicamentos de uso humano em animais equivaleram a 30%.

Nos dois casos de acidentes com animal peçonhento os pacientes tiveram seu membro posterior afetado e foram encaminhados para tratamento em clínica particular, a suspeita se deu por conta dos sinais clínicos, que incluíam região edemaciada e presença de pequenos furos na região, além do relato do tutor indicando que era possível o animal ter contato com tais seres.

Os casos de intoxicação por animais peçonhentos mais comuns incluem picada de serpentes, picada de abelhas e veneno de sapo (SILVA, 2022).

Já no caso do acidente com a capivara, o cão chegou para atendimento por conta de um ataque sofrido pelo mamífero roedor, apresentando uma lesão na região coxofemoral resultante de uma mordida. Durante o atendimento foi realizada a limpeza da ferida com clorexidina, soro fisiológico e gaze, aplicado pomada cicatrizante Vetaglós e feito o curativo, o cão também recebeu 0,3ml de penicilina (via IM).

As afecções do sistema nervoso atendidas foram classificadas em epilepsia a esclarecer (75%) e traumatismo crânio encefálico (25%) (Tabela 14).

Tabela 14 – Afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Epilepsia a esclarecer	7	2	9	75%
Traumatismo crânio encefálico	2	1	3	25%

A epilepsia pode ser descrita como um conjunto de crises convulsivas recidivantes, com ou sem a perda da consciência (PLATT et al., 2006) e suas causas podem variar entre neoplasmas, encefalites, traumas, doenças vasculares e hidrocefalia (THOMAS, 2003). Nos casos acompanhados na clínica da DIBEA as causas foram idiopáticas, no entanto, a afecção acometeu mais animais idosos.

Os casos de traumatismo crânio encefálico são possivelmente decorrentes de casos de maus-tratos, incluindo agressões, mordidas, projéteis, lesões por esmagamento, quedas e feridas causadas por objetos perfurocortantes, no entanto podem ser provenientes de atropelamentos também (GIRLING, 2004), mesmo que mais raros. Os animais chegaram para atendimento com quadro de convulsões e muita vocalização e em casos mais graves

podem apresentar hipóxia, edema, isquemia cerebral e hemorragia (SIQUEIRA et al., 2013).

Segundo a Tabela 15, foram atendidos dois casos de afecções do sistema cardiovascular durante o período de estágio, sendo a mais frequente cardiopatias a esclarecer (70%) e depois a insuficiência cardíaca congestiva (30%). Nenhum dos casos teve o diagnóstico confirmado até o presente momento.

Tabela 15 – Afecções do sistema cardiovascular acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Cardiopata a esclarecer	6	1	7	70%
Insuficiência cardíaca congestiva	2	1	3	30%

As cardiopatias não são incomuns na rotina clínica, correspondendo a 10% dos atendimentos de pequenos animais e pode ser a causa número 1 relacionada a insuficiência cardíaca (NAVAJAS, 2018).

A insuficiência cardíaca congestiva trata de uma síndrome clínica que acomete o miocárdio ou as valvas dos animais domésticos (PEREIRA 2005). Ocorre quando o débito cardíaco diminui, fazendo com que a pressão arterial também caia, ativando os mecanismos compensatórios que tentam fazê-la voltar ao padrão normal (PEREIRA,2005).

As afecções do sistema endócrino (Tabela 16), foram divididas em três de acordo com os atendimentos. Diabetes com 2 casos (50%) e hipotireoidismo e hipertireoidismo com apenas 1 caso cada (25% cada).

Tabela 16 – Afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o período de estágio

Afecção	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Diabetes	2	0	2	50%
Hipotireoidismo	1	0	1	25%
Hipertireoidismo	0	1	1	25%

Os casos de diabetes foram confirmados através de exames e aferição de glicemia. Se trata de uma afecção do sistema endócrino mais comuns entre cães e pode levar o animal a óbito rapidamente caso não seja diagnosticada e tratada corretamente (FARIA,

2007). A diabetes na maioria dos casos está ligada a obesidade e esse é um problema que vem crescendo por conta de uma dieta inadequada, com ingredientes de baixa qualidades e excesso de comida e petiscos, somada a baixa frequência de exercícios físicos (VEIGA, 2005).

Os casos de hipotireoidismo e hipertireoidismo eram apenas suspeita clínica e ambos os animais foram encaminhados para realizar exames, fim de confirmar, ou não, o diagnóstico.

A Tabela 17 contempla todos os procedimentos ambulatoriais realizados ou acompanhados durante o período de estágio curricular.

Tabela 17 – Procedimentos ambulatoriais realizados durante o período de estágio

Procedimentos	Canino	Felino	Total	Porcentagem
Consultas	325	214	539	59,4%
Aplicação de medicação	91	79	170	18,7%
Aplicação de soro fisiológico SC	24	44	68	7,5%
Retornos	24	14	38	4,2%
Coleta de sangue	17	0	17	1,9%
Limpeza de feridas	8	5	13	1,4%
Sondagem uretral	0	12	12	1,3%
Lavagem vesical via sonda uretral	0	10	10	1,1%
Curativos	6	4	10	1,1%
Reanimação cardiorrespiratória	4	2	6	0,7%
Eutanásia	3	2	5	0,6%
Sedação	1	3	4	0,4%
Coleta de suabe auricular	3	1	4	0,4%
Vacinação	3	1	4	0,4%
Drenagem de otohematoma	3	0	3	0,3%
Aferição de glicemia	1	0	1	0,1%
Acesso venoso	1	0	1	0,1%
Remoção de carrapatos	1	0	1	0,1%
Remoção de bernês	1	0	1	0,1%

Dentre eles a estagiária realizou coleta de sangue, aplicação de medicação, sedação, lavagem vesical via sonda uretral, acesso venoso, limpeza de feridas e confecção de curativos, reanimação cardiorrespiratória, coleta de suabe auricular, remoção de carrapatos e aplicação de soro fisiológico por via subcutânea, os demais atendimentos foram realizados pela médica veterinária com auxílio da estagiária. As consultas e retornos foram realizados pelas pela estagiária, incluindo anamnese e exame físico,

sempre estando em contato com a médica veterinária e a mesma comparecia ao final da consulta para conversar com o tutor e prescrever receitas e tratamento.

Os procedimentos que mais foram acompanhados foram as consultas (59,4%), seguida por aplicação de medicação (18,7%) e aplicação de soro fisiológico (7,5%). A aplicação dos medicamentos foi realizada por via oral, subcutânea e intramuscular, além das de uso tópico como pomadas e Effipro® *spray*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório, com toda certeza, abre inúmeras portas para o estudante na reta final, pois além de todo conhecimento adquirido neste período, também é possível obter conexões com profissionais da área e elevar o nível de qualidades profissionais como comunicação, trabalho em equipe, liderança, tomada de decisões e assim por diante. Ao fim do relatório podemos concluir que a espécie mais atendida nas consultas clínicas é a canina. O sexo mais atendido foi o masculino e a faixa etária que mais apareceu foi de 3 a 10 anos de idade, sendo os adultos. Os sistemas acometidos que mais aparecem na rotina clínica da DIBEA são o musculoesquelético com 20,3% dos animais, seguido pelo tegumentar e urinário, com 12,9% e 12,7% respectivamente. As afecções de maior destaque em cada categoria individual são o mastocitoma (51,4%), dermatite (40,6%), fraturas (35,6%), DTUIF obstrutiva (52,4%), cardiopatia a esclarecer (70%), periodontites (46,9%), pneumonia (47,7%), perfuração de córnea (37,5%), piometra (87%), epilepsia a esclarecer (75%), diabetes (50%), intoxicação a esclarecer (46,2%) e por fim, o vírus da FeLV (29,5%).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, N. B. Afecções uterinas sépticas e assépticas em fêmeas caninas: hematologia, ultrassonografia e histopatologia. Programa de Pós-graduação em Ciência Animal. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2019.
- ALMEIDA, N. R., et al. Alterações clínicas e hematológicas em gatos domésticos naturalmente infectados pelo vírus da leucemia felina (FeLV). **Revista de Saúde**. Jan./Jun.; p.27-32, 2016.
- ALVARENGA, L. F. C., PRESTES, N. C. Lactação e Patologias da Glândula Mamária. Obstetrícia veterinária. Rio de Janeiro: **Guanabara Koogan**. p. 97-102. 2006.
- AMORIM, F. V. **Manejo do Gato Obstruído**. Curso de Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais. Maringá, PR: CESUMAR, 2009.
- ATECA, L. B., et al. Organ dysfunction and mortality risk factors in severe canine bite wound trauma. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, p.705–714, 2014.
- BEALE, B. Orthopedic clinical techniques femur fracture repair. **Clinical Techniques in Small Animal Practice**. p. 134–150, 2004.
- BEN, A.L et al. Casuística retrospectiva dos diagnósticos clínicos e solicitações de exames laboratoriais na rotina do HV-UEM, durante o período de 2011 e 2012. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, Maringá, v. 1, supl. 1, p. 059, 2014.
- BONI, C.P. et al. Estudo retrospectivo de fístulas infraorbitárias em cães e gatos. **Rev. Ed. Cont. Med. Vet. Zoot.**, v.14, n.2, p.54- 55, 2016.
- BORDINI, C. G. G.; ZANUTTO, M. S. Crise asmática. In: CALIXTO, R. **Emergências em medicina felina**. Medvep, Curitiba, cap. 5, p. 48-56, 2018.
- BRAGA, P. F. S., et al. Fatores associados a gastroenterite em cães. **Revista Mvez**. p.266, 2014.
- BULCÃO R. P. et al. Intoxicação em cães e gatos: diagnóstico toxicológico empregando cromatografia em camada delgada e cromatografia líquida de alta pressão com detecção ultravioleta em amostras estomacais. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.40, n.5, p.1109-1113, maio, 2010.
- CARVALHO, M. P. P., et al. ESTUDO RETROSPECTIVO DA ESTERILIZAÇÃO EM CÃES E GATOS NO MUNICÍPIO DE ARAÇATUBA, SP. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v.3, n.2, 2007.
- CHAVES, L. J. Q. **Dermatomicoses em cães e gatos: avaliação do diagnóstico clínico-laboratorial e dos aspectos epidemiológicos em uma população de portadores de lesões alopecias circulares**. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) - Faculdade de Veterinária, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, p.85, 2007.

- COSTA, E. O., GUIMARÃES, F. F. Tratamento medicamentoso da mastite. Medicamentos em animais de produção. Ed.: Espinosa, 1 ed. Rio de Janeiro: **Guanaraba Koogan**, p. 186, 2014.
- CRIVELLENTI, L. Z., BORIN-CRIVELLENTI, S. Casos de rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais. 2. ed. São Paulo: **Editora MedVet**, p.151-152, 2015.
- DALECK, C. R., et al. **Oncologia em cães e gatos**. Rio de Janeiro: Roca. 2016.
- DEFAUW, P. A. et al. Risk factors and clinical presentation of cats with feline idiopathic cystitis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 13, n. 12, p. 967-975, dec. 2011.
- DIAS, F.G.G. et al. Fístula infraorbitária na espécie canina. **Enc. Biosfera C. Cient. C.**, v.9, p.1453-1465, 2013.
- FARIA, Ana Carolina Mota de. **ESTUDO RETROSPECTIVO DA ROTINA CLÍNICA**. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília, 2018.
- FARIA, P. F. DIABETES MELLITUS EM CÃES. **Acta Veterinária Brasília**, v.1, n.1, p.8-22, 2007.
- FEATHERSTONE, H.J; HEINRICH, C.L. Ophthalmic Examination and Diagnostics. **Veterinary Ophthalmology**. ed.6, p.564-578, 2021.
- FERREIRA, M. A. et al. Incidência de cinomose nas clínicas veterinárias de Capivari e São João da Boa Vista. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 2, p. 84-85, 11, 2013.
- FLEMING, J. M., et al. Mortality in North American Dogs from 1984 to 2004: An Investigation into Age-, Size-, and Breed-Related Causes of Death. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, p.187–198, 2011.
- FOOK, S. M. L., et al. **Avaliação das intoxicações por domissanitários em uma cidade do Nordeste do Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, p.1041-1045, mai. 2013.
- GASKELL, R.M.; BENNET, M. Doenças Infecciosas Felinas. **Tratado de Medicina de Pequenos Animais**. São Paulo: Roca, p.1075, 2001.
- GIORGI, W.; De MARTIN, C. M.; SCHMIDT, E. F. Principais agentes etiológicos de otite externa em cães. **PET VET**, ano 1, n.2, maio/junho 1996.
- GIRLING, K. Management of head injury in the intensive-care unit. Continuing Education in Anaesthesia, **Critical Care & Pain**, v.4, n.2, p.52-56, 2004.
- GONJTIJO, C. M. F. & MELO, M. N. Leishmaniose visceral no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, p.338-349, 2004.
- GOTTHELF, L. N. **Doenças do ouvido em pequenos animais, guia ilustrado**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2007. 356p.

HALL, K. E., et al. ACVECC-Veterinary Committee on Trauma Registry Report 2013–2017. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, p.497–502, 2018.

HARASEN G. Common long bone fractures in small animal practice - Part 1. **Canadian Veterinary Journal**. p.333–334, 2003.

HERNON, T.; GURNEY, M.; GIBSON, S. A retrospective study of feline trauma patients admitted to a referral centre. **Journal of Small Animal Practice**. p.243–247, 2018.

HOULTON J.E.; DYCE J. **Clinical Survey Does Fracture Pattern Influence Thoracic Trauma?** 1992.

KOUTINAS, A. F. & KOUTINAS, C. K. Pathologic mechanisms underlying the clinical findings in canine leishmaniosis due to *Leishmania infantum/chagasi*. **Veterinary Pathology**, p.527-538, 2014.

KUMAR, K., et al. Occurrence and pattern of long bone fractures in growing dogs with normal and osteopenic bones. **Journal of Veterinary Medicine Series A: Physiology Pathology Clinical Medicine**. p. 484–490, 2007.

LAUS, J. L., et al. **Doenças corneanas em pequenos animais**. São Paulo, v.2, p.26 - 33. 1999.

LEITE, C. A. L.; ABREU, V. L. V.; COSTA, G. M. Frequência de *Malassezia pachydermatis* em otite externa de cães. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.55, 2003.

LIMA, Marcos Paulo Antunes; BITTENCOURT, Eduarda Hoffmann; BEIER, Suzane Lilian. **Monitoração do paciente crítico**. Cadernos Técnicos de veterinária e zootecnia -Emergência em Medicina Veterinária. Belo Horizonte, n. 87, dez, 2017.

LIMA, S. R., et al. Neoplasmas cutâneos em cães: 656 casos (2007-2014) em Cuiabá, MT. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, p.1405-1411, 2018.

MACHICOTE, G; YOTTI, C. Consulta de difusión veterinaria. Importancia de la historia clínica en la alergia: canis et felis. **Aula Veterinária**, n.75, p.9-18/47- 53/66-70, 2005.

MACENA, Leandro Nogueira. CASUÍSTICAS DE PERIODONTOPATIAS EM CÃES ATENDIDOS EM FORTALEZA. **Monografia**. Centro Universitário Fаметro. Medicina Veterinária. Fortaleza, 2022.

MAGGS, D. J. Cornea and Sclera. Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology E-Book. **Elsevier Health Sciences**, p. 184-219, 2017.

MANCIANTI, F. et al. Studies on canine leishmaniasis control. 1. Evolution of infection of different clinical forms of canine leishmaniasis following antimonial treatment. **Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, 82(4):566-567, 1988.

MCDONALD, J. L., et al. Mortality due to trauma in cats attending veterinary practices in central and south-east England. **Journal of Small Animal Practice**. p.570–576, 2017.

- MEDEIROS, R.J. et al. Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.39, n.7, p.2105-2110 2009.
- MEDEIROS, R.J. et al. Casos de intoxicações exógenas em cães e gatos atendidos na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense durante o período de 2002 a 2008. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.39, n.7, p.2105-2110, 2009.
- MELO, Rita Medeiros. Estudo retrospectivo dos traumatismos ortopédicos em animais de companhia num hospital de referência em Lisboa. **Dissertação de mestrado integrado em medicina veterinária**. Universidade de Lisboa, 2021.
- MENEZES, Patrícia Lira de. Tumores Mamários em Cães – Estudo Retrospectivo. **Monografia**. Universidade Federal da Paraíba. Medicina Veterinária. Areia, 2015.
- MOSES, B. L.; SPAULDING, G. L, Chronic bronchial disease of the cat. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 15, n. 5, p. 929-948, 1985.
- MURAKAMI, V. Y.; PRÓPERO, M. B.; MONTANHA, F. P. Pneumonia e edema pulmonar: estudo comparativo. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. ISSN: 1679-7353. Ano IX. Número 17. Jul de 2011. Periódicos Semestral. Acesso em: 25 de nov de 2022.
- NAVAJAS, Lucas de Carvalho. Diagnóstico e tratamento das principais cardiopatias em cães e gatos. **Climev Especialidades Veterinárias**. Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Jundiá-SP, set. 2018.
- NEWMAN, S. J.; CONFER, A. W.; PANCIERA, R. J. O sistema urinário. In: MCGAVIN, M. D.; ZACHARY, J. F. **Bases da Patologia Veterinária**. São Paulo: Elsevier, Cap. 11, p.592-661, 2013.
- O'NEILL, D. G., et al. Prevalence of disorders recorded in cats attending primary-care veterinary practices in England. In **Veterinary Journal**, v.202, p.286–291, 2014.
- PEREIRA, L. B. S. B. et al. Mastocitoma de alto grau em um cão: Relato de Caso. **PUBVET**. v.12, n.9, a166, p.1-5, 2018.
- PEREIRA, P. M., et al. Tratamento de insuficiência com benazepril em cães com cardiomiopatia e endocardiose. **Arq. Bras. Vet. Zootec.**, v.57, supl.2, p.141-148, 2005.
- PERIN, R. R. et al. **Fístula Dentária Infraorbitária em Cão**. Ensaios, v.24, n.2, p.143-145, 2020.
- PLATT, S. R., et al. Treatment with gabapentin of 11 dogs with refractory idiopathic epilepsy. **Vet. Rec.** p.881-884, 2006.
- REINERO, C. R.; DECLUE, A. E.; RABINOWITZ, P. Asthma in humans and cats: Is there a common sensitivity to aeroallergens in shared environments? **Environmental Research**, v. 109, p. 634-640, 2009.
- RQOUF, M., et al. Bone fractures in dogs: A retrospective study of 129 dogs. **Journal of Veterinary Sciences**. p.401-405, 2019.

- SANTOS, N. S. Doença periodontal em cães e gatos – revisão de literatura. *Medvep - Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação*, p.1-637, 2012.
- SCOTT, D. W.; MILLER JR, W. H.; GRIFFIN, C. E. Doenças do ouvido externo. In: **Muller & Kirk Dermatologia de Pequenos Animais**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Interlivros, p.907-925. 1966.
- SHAMIR, M. H., et al. Dog bite wounds in dogs and cats: A retrospective study of 196 cases. **Journal of Veterinary Medicine**. Series A: Physiology Pathology Clinical Medicine, p.107–112, 2002.
- SILVA, D. R; SILVA, C. S. Frequência de intoxicação em animais de pequeno porte em uma clínica veterinária da cidade de Patos de Minas – MG: Análise sobre a quantificação dos atendimentos no ano de 2021. **GETEC**, v.11, n.35, p.29-49, 2022.
- SILVA, E. B., et al. ABSCESSO PERIAPICAL E FÍSTULA INFRA-ORBITÁRIA EM CÃES. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer – Goiânia, vol.6, n.11, p.1-8, 2010.
- SIQUEIRA, E. G. M. et al. TRAUMA CRANIOENCEFÁLICO EM PEQUENOS ANIMAIS. **Veterinária e Zootecnia**, São Paulo, p. 112-123, 2013.
- SLATTER, D. H. Fundamentos de oftalmologia veterinária. (4ª ed). São Paulo: **Roca**, p.283-338, 2005.
- SOUZA, T. M., et al. Estudo retrospectivo de 761 tumores cutâneos em cães. **Ciência Rural**, p.555-560, 2006.
- TEIXEIRA, M. K. I. Asma felina e bronquite crônica. In: MAZZOTTI, G. A.; ROZA, M. R. *Medicina felina essencial: guia prático*. **Equalis**, Curitiba, p. 353-357, 2016.
- THOMAS, W. B. Seizures and narcolepsy, In: Dewey C.W. (Ed.), **A Practical Guide to Canine and Feline Neurology**. 2nd ed. Blackwell, Iowa, p.193-212, 2003.
- TILLEY, L. P.; SMITH J. R. F. W. K. **Consulta Veterinária em 5 Minutos: espécies canina e felina**. 2. ed.. Barueri, SP: Manole, 2003.
- VEIGA, A.P.M. Obesidade e diabetes mellitus em pequenos animais. Anais do **II Simpósio de Patologia Clínica Veterinária da Região Sul do Brasil**, p. 82-91, 2005.
- WEXLER-MITCHELL, E. Bronchial disease, chronic. In: NORSWORTHY, G. D. **The feline patient**, 5 ed. Wiley, New Jersey, cap. 27, 2018.
- XAVIER, D.G. Casuística clínica e cirúrgica de uma clínica veterinária na cidade de Camaquã/RS, durante o período de 2008 a 2011. 2012. **Dissertação de Tese (Monografia)**. Universidade Rural do Semiárido – UFRSA. 19p. 2012.
- ZEFERINO, Renata. **Médica veterinária da DIBEA**, 2022.